

**A Cidade dos Malafogados:  
O cotidiano de Aracaju durante a Guerra Submarina em Sergipe (1942-1945)**

LUIZ ANTÔNIO PINTO CRUZ\*  
LINA MARIA BRANDÃO DE ARAS\*\*

*Dezenas de cadáveres começaram, então, a chegar às praias sergipanas. (...) Os corpos iam chegando macilentos e esfarrapados, a bestial tragédia refletia nos olhos cheios de espanto e angústia.*

Mário Cabral, Aracaju, 1942.

### **Introdução**

*Sob a visada do periscópio, o olhar do assassino encoberto (...). E o submarino não escolhe vítimas nem conhece bandeiras a respeitar. Sua missão é a de estabelecer o terror nos mares,* o publicou o jornal aracajuano *Folha da Manhã*, em 26 de agosto de 1942. A participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial é uma temática muito complexa e repleta de labirintos ideológicos. Entretanto, uma nova geração de historiadores está contribuindo com a revisão da historiografia brasileira com questionamentos interessantes. De norte a sul do país, as principais universidades brasileiras desenvolveram e desenvolvem pesquisas sociais preocupadas com a “complexidade do cotidiano”, “subjetividade dos narradores” e a “preservação do vivido” no tempo dos ataques submarinos.

A historiografia brasileira ampliou e modernizou seu olhar para as vivências sociais durante a Segunda Guerra Mundial. Artigos, monografias, dissertações, teses e livros evidenciam um maior envolvimento do país na guerra, pois várias operações bélicas foram registradas em território marítimo nacional. Os estudos históricos são variados e seguem temáticas distintas: “A atuação da Marinha do Brasil”, “os ataques dos submarinos do Eixo”, “a patrulha anti-submarina dos aviões catalinas americanos”, “o bombardeamento de submarinos”, “a captura de submarinistas alemães na costa

---

\* Graduado em História pela UFS e bolsista da CAPES no Programa de Pós Graduação em História/UFBA, onde desenvolve projeto de pesquisa “Submarinos Alemães e o cotidiano de Aracaju”.

\*\* Professora Associada do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal da Bahia

brasileira”, “o papel dos marítimos no tempo da guerra submarina”, enfim, “o medo social diante dos torpedeamentos”. Essas dimensões temáticas revelam a participação efetiva do Brasil no maior conflito da história

Esta investigação histórica, portanto, se dedica à compreensão do objeto de estudo delimitado como a Guerra Submarina em Sergipe e analisa, especificamente, as vivências do aracajuano diante dos torpedeamentos dos navios mercantes brasileiros, no período de 1942 a 1945. Sobre a periodização deste projeto de pesquisa, alguns aspectos justificaram a escolha das balizas cronológicas. A Segunda Guerra Mundial passou a ter um valor significativo para sociedade aracajuana a partir da chegada da notícia dos torpedeamentos dos navios brasileiros ocorridos em dois momentos: nos dias 15-16 de agosto de 1942 e 31 de julho de 1943. Através das agressões submarinas, Aracaju se tornou uma cidade sitiada, vítima da guerra marítima. O medo coletivo perdeu sua força com o fim do conflito mundial em 1945. De acordo com a *Revista Em Guarda*, “o perigo dos submarinos continuará sempre enquanto durar a guerra”.<sup>1</sup>

## A SEGUNDA GUERRA NO ATLÂNTICO SUL

*Como o cauteloso Ulisses, devemos conservar os olhos e os ouvidos desviados dos encantos e dos enlevos das sereias que rondam o nosso mar*, afirmou o Presidente Getúlio Vargas, em 13 de março de 1940. Se num primeiro momento, a postura do brasileiro foi o de observar as sereias rondarem o seu mar (as ocorrências bélicas entre alemães e ingleses no Atlântico Sul). No segundo, o ataque dos submarinos alemães aos navios mercantes nacionais na costa de Sergipe evidenciou a guerra para todo Brasil. Então, os brasileiros colocaram as mãos em armas e guarneceram seu litoral. O gigantesco oceano Atlântico não representava um obstáculo para guerra européia chegar à América do Sul. O mar era um caminho aberto às modernas máquinas de guerra. Por esta razão, o oceano ganhou significações assustadoras no tempo da Segunda Guerra Mundial.

---

<sup>1</sup> Ver *Em Guarda – Para Defesa das Américas*. Washington/USA: Bureau do Coordenador de Assuntos Interamericanos/Business Publishers International Corporation of Philadelphia. Ano 3. Nº 6. 1944, p. 3.

Os *U-boots* - “submarinos” na língua alemã - tiveram um papel importante na mundialização do conflito. As perdas decorrentes da Guerra foram incalculáveis e mesmo estimativas aproximadas se mostram impossíveis. A guerra total (ao contrário da Primeira Guerra Mundial) matou tanto civis quanto militares e grande parte dos óbitos se deu em regiões ou momentos, em que não havia ninguém a posto para contar, ou se importar.

Quando a II Guerra começou, na manhã de 3 de setembro de 1939, os submarinos britânicos e alemães estavam prontos para o conflito.(PRESTON, 1983: 24) Entretanto, foram estes últimos que mais centralizaram a ação submarina na Batalha do Atlântico. Em terra, as tropas nazistas surpreenderam seus inimigos e dominaram rapidamente várias nações européias. A partir de julho de 1940, com a conquista da França pelos nazistas, a Guerra Submarina tomou um curso mais intenso no Atlântico. O cais e os estaleiros franceses eram utilizados sem limitações pela *Kriegsmarine* (Marinha Alemã). Os nazistas controlavam os portos franceses de Lorient, Saint Nazaire, La Pallice e Bordeaux, permitindo ao Eixo ampliar a guerra para outras regiões atlânticas. Com posse dessas bases francesas e com o apoio da espionagem, os *U-boots* expandiram a batalha por todo o Atlântico e afundaram vários navios mercantes na costa dos EUA, no mar do Caribe, no Golfo do México, no litoral africano e na costa brasileira.

A águia nazista sobrevoava por vários continentes, levando o medo e caos para vários rincões do planeta. O projeto expansionista do Terceiro Reich foi muito além dos limites europeus, pois a raça ariana, considerada superior, destinava-se a ser soberana no planeta. *O símbolo da águia sobre o globo terrestre, construído em 1939, representa o projeto nazista de domínio do mundo. A águia, animal sagaz, que do alto paira sobre tudo e todos, simboliza a superioridade alemã sobre o mundo.*<sup>2</sup> Dentro dessa simbologia hitlerista, essa “águia” sagaz dos nazistas equivale ao poder de caça do “lobo”, pois os marinheiros alemães chamavam seu submarino de lobo, e quando eles agiam juntos, de “alcatéia de lobos” ou “bando de lobos” ou “lobos cinzentos”. Para os

---

<sup>2</sup> Ver CAPELATO, Maria Helena Rolim. O nazismo e a produção da guerra. *Revista USP. Dossiê 50 anos de final de Segunda Guerra*. São Paulo: USP. 1989.

brasileiros - especialmente os sergipanos e baianos - o lobo mais feroz foi o U-570 que matou mais de 600 pessoas, afundando o Aníbal Benévolo, o Arara, o Araraquara, o Baependy, o Itagiba, o Jacira e um navio estrangeiro não identificado.

Por que os submarinos alemães atacaram os navios mercantes brasileiros? De que maneira a notícia dos torpedeamentos ajudou a desestruturar o cotidiano dos aracajuanos e quais as atitudes e percepções dos aracajuanos diante dos torpedeamentos de 1942 e o de 1943? Diante da instalação do caos na cidade, como foi o processo de reordenamento da sociedade e que medidas de segurança antissubmarina foram adotadas em Aracaju? Diante das questões apresentados objetivamos estudar os comportamentos e as representações do homem costeiro diante da Guerra Submarina em Sergipe no período de 1942 a 1945.

As operações militares dos submarinos alemães e italianos no Atlântico Sul transformaram a costa do Brasil num “mar de guerra”, cujas circunstâncias dos torpedeamentos na costa nordestina estão vinculadas aos aspectos políticos criados pelo Estado Novo e pela Política da Boa Vizinhança. Para Gerson Moura, o ano de 1942 foi de importância vital para as relações Brasil-EUA, pois decisões sumariamente difíceis foram tomadas pelo Governo Vargas, entre janeiro e agosto daquele ano, no sentido de aproximar-se e, finalmente, alinhar-se à política norte-americana.

O Brasil desenvolveu uma política de barganha arriscada, assinando acordos com os EUA. Ao auxiliar a indústria bélica dos EUA com gêneros alimentícios e minérios de primeira necessidade, o Brasil praticou um ato de “assistência hostil”, perdendo, assim, a sua neutralidade. *O Nordeste está se transformando numa das frentes de batalha mais decisivas para as nações unidas (Correio de Aracaju. Aracaju, 5 de novembro de 1942)*. Por essa razão, Adolf Hitler concedeu um destino mais tropical aos seus *U-boots*. Segundo João Falcão,

“a 15 de junho de 1942, o *Führer* resolvera determinar uma operação contra o Brasil. Era preciso impor um castigo maior ao governo brasileiro, que lhe servisse como advertência, enviando 10 dez submarinos aos portos brasileiros de Santos, Rio de Janeiro, Salvador e Recife. Os submersíveis deveriam afundar todas as embarcações surtas nos portos e minar os canais de acesso, regressando depois a Bordeaux, na França (zona ocupada). Dessa vez, o embaixador Ritter se opôs. Previra como resultado um grande movimento de solidariedade continental, que poderia arrastar mesmo a Argentina e o Chile, até então neutros.”(FALCÃO, 1999: 36)

Os acordos bilaterais entre o Brasil e os Estados Unidos atraíram os submarinos de Adolf Hitler ao Atlântico Sul. Georges Duby apresentou o Brasil como uma das principais linhas de suprimentos de material bélico dos Aliados. (DUBY, 1987: 94-95) Em seu mapa histórico da guerra, Duby mostrou o Atlântico Sul como uma importante rota dos comboios dos EUA, daí porque um dos objetivos dos *U-boots* foi obstruir o abastecimento de mercadorias para as nações aliadas. Além do mais, no nordeste brasileiro foi erguida a maior base militar americana fora dos EUA, chamada de “*Parnamirin Field*”, implantada em Natal (RN), considerada, segundo documentos do Departamento de Guerra dos EUA, um dos quatro pontos estratégicos mais importantes do mundo comparado ao Estreito de Gilbratar, ao canal de Suez e a Dardanellos (todos no Mediterrâneo).<sup>3</sup>

O Brasil rompeu relações diplomáticas com o Eixo, em 28 de janeiro de 1942. As agressões marítimas contra unidades mercantes brasileiras se tornaram mais freqüentes no Atlântico Norte. Pouco a pouco os torpedeamentos passaram a ser registrados, cada vez mais, próximos à costa brasileira. O desfecho é conhecido: entre 15-17 de agosto de 1942 o afundamento de cinco navios brasileiros por submarinos do Eixo produziu enorme comoção popular e manifestações contrárias ao Eixo em todo o território nacional. (MOURA, 1991:14)

Quando chegou a notícia de torpedeamento dos navios em Aracaju, os colégios e as repartições suspenderam os seus trabalhos. (*Folha da Manhã*. Aracaju, 18 de agosto de 1942). A notícia da tragédia deixou a cidade abalada porque gerou *uma emoção-choque, freqüentemente precedida da surpresa, provocada pela tomada de consciência de um perigo presente e urgente que ameaça*. (DELUMEAU, 1989: 23) A ação submarina tirou o sossego de várias cidades litorâneas e semeou a desconfiança da existência de uma rede espionagem de estrangeiros eixistas e de sergipanos quintacolonistas. No Inquérito Policial instaurado em Aracaju em 1942,

“todo cuidado seria preciso, para o bem do Brasil, neste recanto da nacionalidade, que é Sergipe, escolhido pelo destino para sofrer a agressão; e, então era de mister, conhecer o procedimento e analisar as atitudes de certos indivíduos, que, pelos seus modos na sociedade, pudessem seguir o exemplo

---

<sup>3</sup> SÁ, Xico. Arquivo exhibe guerra ignorada (Segunda Guerra Mundial). *Folha de São Paulo*. São Paulo, 28 de junho de 1998.

dos que ajudaram a trair as suas próprias pátrias: a Holanda, a Bélgica e a França”.<sup>4</sup>

Os acontecimentos provocaram muito sofrimento para os naufragos e suas histórias no mar assustaram a população costeira. *Sergipe nunca em sua vida, presenciou cenas tão tristes como nestes dias*, anunciou o jornal aracajuano *Folha da Manhã*, em agosto de 1942. As embarcações Aníbal Benévolo, Araraquara e Baependy foram torpedeadas entre os dias 15 e 16 de agosto de 1942. Em 31 de julho de 1943, os submarinos voltaram a Sergipe e afundaram o navio Bagé na proximidade da barra de Estância.

A “recuperação do vivido” numa realidade social micro como Aracaju, ganha contornos históricos mais amplos com as informações das fontes orais, pois os submarinos agressores representavam a conjuntura de um conflito macro. Através das leituras sociais dos aracajuanos é possível perceber como os submarinos espalharam o terror entre os marítimos do Atlântico Sul e os brasileiros da região litorânea.

No estado de Sergipe, as cidades e os povoados costeiros sentiram a intensidade dessa nova conjuntura bélica. Entretanto, o maior nível de medo, quase beirando o terror, era sentido no oceano, em mar aberto. Muitos marinheiros brasileiros temiam por sua sorte, como recordou Seu Eliseu Timóteo.

“Eu conversei com um marinheiro velho nessa época. Conversei com ele aqui em Aracaju já de muito tempo. Conversei com ele. Ele disse: ‘- Olha rapaz fui marinheiro na gestão da Segunda Guerra Mundial. Acontece que, quando a gente entrava aqui, nas águas de Sergipe, o navio, quando o capitão via algum movimento estranho, ele parava o navio e mandava todo mundo ficasse quieto e apagasse todas as luzes. Com medo de serem torpedeados. Ele disse que muitos companheiros dele foram mortos aí, nessa beira de costa”.<sup>5</sup>

O esforço de guerra conclamava os brasileiros a vencerem seus medos e servirem à pátria. Como todo marinheiro era um viajante por natureza, ele precisava seguir o seu destino, mesmo em meio a tantas ameaças. Navegar pela costa sergipana era aventurar-se num “mar de submarinos”. O estudo do medo tem muito a dizer ao historiador, Jean

---

<sup>4</sup> Relatório da Chefatura de Polícia feito pelo Doutor Enoch Santiago, no *Inquérito* instaurado no Departamento de Segurança Pública do Estado contra brasileiros acusados como ex-integralistas exaltados e simpatizantes de idéias nazi-fascistas. Aracaju, 18 de setembro de 1942.

<sup>5</sup> Entrevista de Eliseu Timóteo realizada em Aracaju-SE, 28 de maio de 2005.

Delemeau tinha consciência da importância do seu estudo histórico: *ficava por ser preenchido um vazio historiográfico em que certa medida vou esforçar-me em completar, dando-me bem conta de que tentativa, sem modelo a ser imitado, constitui uma aventura intelectual. Mas uma aventura excitante.* (DELUMEAU, 1989: 13) O que seria afinal o medo? Delemeau o descreveu o medo como uma sensação atroz, uma decomposição da alma, um espasmo horrível do pensamento e do coração de que só a lembrança dá arrepios de angústia.

Os jornalistas queriam saber por que os submarinos agiram com muita facilidade em Sergipe? O jornal *O Globo* enviou seu correspondente, David Nasser, a Aracaju. Ele veio em busca dos pormenores sobre a atuação dos submarinos de Adolf Hitler. *Vigilância sem trégua em Sergipe*, este foi o título da matéria. De acordo com seu artigo, *haveria a possibilidade de encontrar vestígios da existência de bases clandestinas para submarinos alemães no litoral sergipano? Os homens do submarino poderiam buscar refúgio e mantimento em algum lugar de Sergipe?*<sup>6</sup> O jornalista Nasser entrevistou o Chefe de Polícia do Estado, Enoch Santiago, com os seguintes questionamentos:

“No litoral brasileiro, desde o Rio até o extremo Norte, existirão bases de abastecimento para os submarinos inimigos? O Chefe de Polícia de Sergipe, no que diz respeito a este estado, afirma que não. Nos outros Estados, afirma-se a impossibilidade de existirem as mesmas bases que não foram jamais vistas pelos pescadores e pelos aviões de patrulhamento”. (Jornal *O Globo*. Rio de Janeiro – RJ. 22 de agosto de 1942).

Os submarinos alemães singraram a costa de Sergipe, atuando com muita facilidade em 1942 e 1943. Em 9 de setembro de 1942, a Chefatura de Polícia fez assinalar todas as sepulturas das pessoas que pereceram nos torpedeamentos dos navios mercantes brasileiros e que foram sepultados no município da capital. Em cada uma das sepulturas foi fincada uma cruz de madeira, numerada com a seguinte inscrição: “*vítima do Nazismo*”. (*Diário Oficial do Estado de Sergipe*, Aracaju, 16 de setembro de 1942).

---

<sup>6</sup> NASSER, David. *Vigilância sem trégua*. Jornal *O Globo*, Rio de Janeiro-RJ. 1942. Sábado, 22 de agosto de 1942.

Os navios atacados em Sergipe e na Bahia representaram o elemento motivador da Declaração Oficial de Guerra do Brasil ao Eixo, escrito pelo Ministro Oswaldo Aranha, na qual consta:

“foram atacados, na costa brasileira, viajando em cabotagem, os vapores Baependy e Anibal Benévolo (do Lóide Brasileiro, Patrimônio Nacional), o Arará e o Araraquara (do Lóide Nacional S.A.) e o Itagiba (da Cia. Navegação Costeira), que transportavam passageiros, militares e civis, e mercadorias, para portos do Norte do país. Não há como negar que a Alemanha (Itália) praticou contra o Brasil atos de guerra, criando uma situação de beligerância que somos forçados a reconhecer na defesa da nossa dignidade, da nossa soberania e da nossa segurança e da América”<sup>7</sup>

Em Sergipe, as vivências locais foram tão intensas que não calaram tantas vozes ou esconder as evidências da população costeira. A versão oficial do governo getulista dizia que “o país não tinha feito nada para sofrer com a Guerra Submarina”, mas a realidade aponta para outras evidências. As recordações mais marcantes dos homens costeiros dizem respeito à vida cotidiana: os naufragos atordoados, centenas de mortos pelas praias, o quebra-quebra na cidade e as perseguições aos estrangeiros e aos sergipanos suspeitos de quinta-coluna.

O estudo do cotidiano não se equivale apenas à compreensão das tendências situacionais do dia-a-dia. Do individual ao coletivo, o homem convive com um cotidiano cheio de significações, de mudanças e de permanências. A vivência cotidiana, segundo Agnes Hellen, não está ‘fora’ da história, mas no ‘centro’ do acontecer histórico, enfim, nas vidas entrelaçadas: é a verdadeira ‘essência’ da substância social. (HELLER, 1972: 20)

Em virtude dos torpedeamentos, a capital sergipana se envolveu no clima de guerra marítima, deixando a condição de mera espectadora de um conflito europeu, para alçá-la à condição de vítima da Guerra Submarina. Na memória dos sergipanos, esse evento foi narrado dentro de várias perspectivas. Os versos populares dos aracajuanos anunciavam uma memória singular: *a guerra lá das Oropa, bateu também no Brasi; cum ela nas nossas costa, danou-se tudo a assubi, e inté mermo o qui é dos pobre: feijão, bejú, sarnambi*.<sup>8</sup> De acordo com Janaína Amado,

---

<sup>7</sup> Declaração de Guerra do Brasil ao Eixo (Alemanha e Itália). *Documento Oficial*. Rio de Janeiro-RJ, 31 de agosto de 1942.

<sup>8</sup> Expressão da cultura popular sergipana, da década de 1940, ainda preserva a feição de um Brasil arcaico

“a memória torna as experiências inteligíveis, conferindo-lhes significados. Ao trazer o passado até o presente, recria o passado, ao mesmo tempo em que o projeta no futuro; graças a essa capacidade da memória de transitar livremente entre os diversos tempos, é que o passado se torna verdadeiramente passado, e o futuro, futuro”. (AMADO, 1995: 132)

*Eu vi, eu senti*. Esse aspecto da história-relato, da história-testemunho, jamais deixou de estar presente no desenvolvimento da ciência histórica. ”. (LE GOFF, 2003: 9) A memória do vivido ou de um grande acontecimento sempre perpassa o tempo eventual em si. A história dos torpedamentos, por exemplo, não acabou quando os navios foram tragados pelo mar ou quando os submarinos alemães regressaram para a Europa. As considerações dos naufragos e dos sergipanos são imprescindíveis para o desenvolvimento desta pesquisa, pois permitem visualizar como o evento se revestiu de um caráter estrutural.

Os aracajuanos, contemporâneos do evento, retratavam a guerra marítima com muita proximidade da sua realidade social. *Era presepada do diabo nesse tempo em Aracaju*, recordou Seu Edmundo Cruz. A análise criteriosa dessas lembranças colhidas na cidade e o entendimento da construção de uma identidade cultural tipicamente sergipana ajudam a entender como a memória da tragédia foi preservada. O estudo da memória ganhou considerações importantes com as análises do historiador Jacques Le Goff,

“A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual e coletiva, cuja busca é uma das actividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia”. (LE GOFF, 1984: 46)

Outro importante aspecto a ser considerado na memória é a sua relação entre o presente e o passado. Ecléa Bosi, em “*Memória e Sociedade*”, fundamenta que a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo “atual” das representações. *Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, ‘desloca’ estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência*. (BOSI, 1987: 9.)

---

e tipicamente nordestino. MONTEIRO, Exupero. ABC Poético (Escrito para ser pronunciado na sessão do IBECC em 1948). In: *Revista de Aracaju*. Aracaju: Prefeitura Municipal de Aracaju. Ano III. Nº 2. 1949.

As representações sociais possibilitam tornar o desconhecido familiar; o não familiar conhecido. Elas têm muito a dizer aos historiadores. Para Roger Chartier, as representações são *estratégias simbólicas que determinam posições e relações e que constroem, para cada classe, grupo ou meio, um ser percebido constitutivo de sua identidade*. (CHARTIER, 1991: 184) À luz dessas considerações, a “representação do mundo” criada em Aracaju depois dos torpedeamentos estaria ligada à posição social dos indivíduos, sendo, portanto, histórica, posto que construídas ao longo do tempo. Chartier ainda afirma que

“as identidades sociais como resultado sempre de uma relação de força entre as representações impostas pelos que detêm o poder de classificar e de nomear e a definição, de aceitação ou de resistência, que cada comunidade produz de si mesma; e ainda que o recorte social... como a tradução do crédito conferido à representação que cada grupo dá de si mesmo”. (CHARTIER, 1991: 173-191)

Cada aracajuano teve uma maneira peculiar de ver, de sentir, de agir e de reagir aos torpedeamentos. Através da análise das fontes orais associadas às fontes documentais, queremos compreender a história dos homens costeiros a partir da chegada da notícia dos torpedeamentos de 15 e 16 de agosto de 1942, voltando a acontecer outro registro de ataque em 31 de julho de 1943. A vítima, dessa vez, foi o Bagé, o maior e o melhor navio de passageiros do Loyde Brasileiro.

“no ano passado, tivemos de correr em auxílio de centenas de patrícios jogados à mercê das ondas revoltas, vítimas de estúpidos torpedeamentos de navios em águas de Sergipe. E, agora, mal decorridos doze meses da tragédia horrível, quando tivemos de voltar aos referidos mares para salvar das garras da morte certa, outro punhado de brasileiros, dentro da noite escura, pelos criminosos nazistas”.<sup>9</sup>

O torpedeamento do Bagé apresenta-se como um ponto de esquecimento e esse “esquecimento” revelou uma situação importante, isto é, a impressão de que os primeiros torpedeamentos pegaram a sociedade aracajuana desprevenida, despertando o medo do desconhecido. Constatamos especificidades entre esses dois ataques. Para a sociedade aracajuana os primeiros torpedeamentos foram mais assustadores porque era um medo diante do “desconhecido”. A explicação e o domínio desse desconhecido trouxeram uma sensação de segurança e de poder, o torpedeamento parecia não incomodar mais. O naufrágio de 1943 não era algo desconhecido, a população passou

---

<sup>9</sup> *Diário da Justiça*. Aracaju-SE, agosto de 1943.

por essa situação há um ano e criou suas próprias representações. Em 1943 os sergipanos superaram o medo e reestruturaram o seu sistema cultural. A Guerra Submarina não assustava mais, pois as pessoas bem ou mal conseguiam explicar o que era um torpedeamento.

A história dos torpedeamentos nem sempre teve uma conotação trágica para os entrevistados que se lembravam do primeiro momento dos torpedeamentos de 1942, mas o segundo momento de 1943, com o naufrágio do Bagé, quase passou despercebido. Portanto, no segundo momento, o torpedeamento não era mais um acontecimento desconhecido, pois já se encontrava inserido e ordenado culturalmente na realidade sergipana. Sob tais circunstâncias, só havia um caminho para o sistema cultural, familiarizar-se com o torpedeamento. Afinal, depois de agosto de 1942, esse evento se tornou recorrente em toda a costa brasileira.

A cidade não estava livre do submarino, mas não se surpreendia mais com as notícias dos torpedeamentos. Os aracajuanos aprenderam a conviver com a Guerra Submarina e procuraram fortalecer suas fraquezas. O tempo passou e o medo também. Para o historiador Jean Delumeau, se uma sociedade *não consegue afastar completamente o medo para fora de seus muros, ao menos enfraquecê-lo o suficiente para que possa viver com ele.* (DELUMEAU, 1989: 12)

Apesar dessa postura comportamental e representativa, não se pode afirmar que os aracajuanos deixaram de se horrorizar com a guerra no mar. Pelo contrário, o submarino perturbou durante muito tempo a vida dos sergipanos e isso é perceptível nas entrevistas com os antigos aracajuanos. O depoimento oral, assim como a escrita, não apresenta fatos absolutos, e sim, como afirma Paul Thompson, “a percepção social dos fatos” em outras palavras, as diferentes visões dos aracajuanos sobre os torpedeamentos.

Para reconstituirmos a vivência dos nossos entrevistados diante de um acontecimento dessas proporções, trabalhamos com a perspectiva da História Oral Temática, para permitir que o cidadão comum se reconheça no processo de reconstituição da história de

Aracaju, através de suas experiências cotidianas, é o primeiro passo para trabalharmos a memória social sobre os torpedeamentos.

Alessandro Portelli (1948) não encara a História Oral como instrumento para fornecer informações sobre o passado, pois o que lhe interessa é a *subjetividade dos narradores*; é resgatar da fala dos dominados ou dominadores, o ineditismo ou, mesmo, o preenchimento de lacunas, que lhe interessa, mas a *recuperação do vivido*, segundo a concepção de quem o viveu.

Convém evidenciar que as fontes orais não são o bálsamo que se encontra ao alcance de qualquer historiador com problemas de escassez documental. É importante assinalar uma “outra percepção”, a do pesquisador Joan Del Alcazar I Garrido que nos alerta, “as fontes orais são uma alternativa às fontes escritas; são outro tipo de fonte, não apenas necessária, mas imprescindível para se fazer história”. (GARRIDO, 1993: 48)

Neste “fazer histórico” não queremos explorar a dor alheia: as mortes dos parentes, o sofrimento das viúvas, o estado dos cadáveres na praia, enfim, o luto familiar, pois percebemos que a história dos torpedeamentos em Aracaju representa uma antiga ferida já cicatrizada. Por esta razão, a pesquisa histórica tem limites, pois respeitamos as famílias aracajuanas. O nosso olhar se volta para as dinâmicas sociais do cotidiano, as leituras do evento no mar, as apropriações bélicas do período, as contradições políticas do varguismo, o controle informacional do DIP e DEIPs. Para Roger Chartier, o impresso não pode ser considerado como um suporte neutro. O objeto impresso, segundo ele, “traz em suas páginas e em suas linhas os vestígios da leitura que seu editor supõe existir nele e os limites da possível recepção”. (CHARTIER, 2001: 96)

No cotidiano da cidade, a maré da tensão baixava ou elevava-se de acordo com as manifestações públicas, perseguições, quebra-quebra e o estado dos naufragos (mortos ou sobreviventes). O clima de insegurança gerou conflito no interior da sociedade aracajuana. Segundo Ariosvaldo Figueiredo,

“Aracaju está inquieta, revoltada com o torpedeamento nas costas sergipanas, de navios brasileiros. O interventor Augusto Maynard Gomes testemunha, a partir de 17/08/1942, verdadeira romaria ao Palácio do Governo, gente de

toda parte faz manifestações de pesar pelo lutuoso e bárbaro atentado de que foi vítima a Marinha Mercante. (FIGUEIREDO, 1989: 154)

Os manifestantes se aglomeraram na Praça Fausto Cardoso, defronte ao Palácio do Governador, onde se ouviam vozes de protesto. Os sergipanos queriam ser ouvidos pelos mandatários do Palácio do Catete, no Rio de Janeiro. Os manifestantes não entendiam a razão da demora em se declarar guerra ao Eixo. De acordo com Ibarê Dantas, *multidões inflamadas de patriotismo acorrem às ruas, invadem casas de supostos colaboracionistas e enchem as praças, expressando sua indignação. Aracaju foi uma das cidades a viver esse drama.* (DANTAS, 1989: 154)

É interessante observar como o “calor do acontecimento” acabou gerando ondas de protestos desordeiros, manifestações políticas, conflitos com os estrangeiros ao longo da guerra. O prático Zé Peixe era um menino no tempo dos torpedeamentos, mas ainda recorda da mobilização estudantil na cidade de Aracaju. Com o olhar de um ginasião, acompanhou a tudo de perto.

“A passeata que tinha na rua o povo gritava. Queremos guerra! Queremos guerra! Queremos guerra! Cada um magrinho [risadas de Zé Peixe, recordando seu tempo escolar]. Queremos guerra! Queremos guerra! Aquele povo todo pela rua. [Zé Peixe levanta e marcha] Queremos guerra! Queremos guerra! Pela Praça do Palácio. O interventor era Augusto Maynard Gomes. Quem gritava era o pessoal do Colégio, os estudantes e gente da rua que acompanhava também”.<sup>10</sup>

O que acontece com uma sociedade propensa a valorizar o “patriotismo exacerbado” e os padrões de classe, mais do que um simples sentir medo, insegurança e bom senso? O espírito nacionalista motivou a formação de várias manifestações estudantis que normalmente acabavam em tumultos. Caso fosse preciso, a mocidade mais idealista estava disposta a morrer por sua nação. Paulo de Oliveira Santos lembrou o sentimento de “brasileirismo” tão cultivado pelo Estado Novo.

“havia um sentimento realmente de brasileiro, sentimento de amor à pátria muito mais verdadeiro, muito mais espontâneo mesmo dentro do coração, do que nos dias atuais. Aquele amor febril pela pátria brasileira. E eles faziam aquilo [passeatas, quebra-quebra, manifestações, alistamento militar, etc.] como se tivessem prestado um serviço importante ao Brasil e realmente estavam (...), havia também a cooperação dos operários na época, agora, o comando era justamente estudantil”.<sup>11</sup>

---

<sup>10</sup> Entrevista de José Martins Ribeiro Nunes (Zé Peixe) realizada em Aracaju-SE, 07 de abril de 2004.

<sup>11</sup> Entrevista de Paulo de Oliveira Santos realizada em Aracaju-SE, 10 de agosto de 1999.

A história dos aracajuanos ainda é pulsante nas veias de quem viveu aquele tempo de guerra. Essas histórias ainda fazem parte de suas vidas, pois eles contam histórias que vivenciaram, influenciadas por diferentes aspectos: os que viram ou os que ouviram dizer. Também não podemos negar outros aspectos presentes na narrativa deles: o discurso oficial, o partidário, o religioso, o militar. Cada depoimento precisa ser analisado cuidadosamente, pois a fonte oral não apresenta fatos absolutos e verdades imutáveis. Entretanto, torna-se uma importante evidência histórica.

O clima de insegurança fez nascer “pequenos medos” no cotidiano dos aracajuanos. Dona Salvelina Santos de Moraes, filha do faroleiro de Aracaju, realizou uma descrição pormenorizada dos diálogos que tinha com a mãe e o pai no tempo da Guerra Submarina. Como Zé Peixe, ela também era uma criança nesse período. Em seu depoimento, Dona Salvelina destacou o sentimento de medo no interior de sua casa e a ausência do seu pai a serviço da Marinha.

“Foi uma época triste em Aracaju. Ave-Maria! Todo mundo só andava com medo. A gente ficava todo mundo preso sem poder sair de casa nem nada, entendeu? Não tinha aula. Todo mundo do farol tava aqui na Capitania, porque tava todo mundo em prontidão. E aí papai dizia: - Não posso vir pra casa. Mamãe era um medo que as portas eram todas fechadas. Às vezes a gente abria as portas e mamãe dizia: - Menina pelo amor de Deus, com pouco vem a polícia aí”.<sup>12</sup>

“Com pouco a polícia vem aí”, o ato indisciplinado da filha despertou essa preocupação da mãe. O temor não era a polícia em si, mas a brutalidade de suas ações para com os indisciplinados. Nessa época, a polícia era chamada oficialmente de Esquadrão da Cavalaria da Força Policial, mais conhecido pelo povo como os policiais da Cavalaria Montada. As tropas da cavalaria circulavam os quatro cantos da capital sergipana, impondo a disciplina, o silêncio e o *black-out*. Às escuras, a cidade tinha seu toque de recolher.

O silêncio da madrugada era rompido com os passos firmes dos cavalos e com os gritos dos soldados pedindo atenção ao toque de recolher. Dona Idalina, que hoje reside na cidade de Porto Alegre, recordou dos polícias no tempo da guerra. *Aqueles homens a cavalo, com aquela roupa amarela da polícia (...). Passavam tarde da noite, depois das*

---

<sup>12</sup> Entrevista de Salvelina Santos de Moraes realizada em Aracaju-SE, 19 de julho de 2006.

*10:00 horas gritando nas portas: 'apaga a luz, apaga a luz, apaga a luz!' Todo mundo apaga a luz!*<sup>13</sup>

As entrevistas evidenciam que os aracajuanos tiveram que reaprender a viver em sua própria cidade protegida pela escuridão noturna, Aracaju não deveria ser vista do mar. Na medida em que as operações bélicas diminuíram no Atlântico Sul, as imposições de segurança foram reduzidas, voltando os aracajuanos ao seu cotidiano.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As agressões submarinas no Nordeste anunciaram a deflagração do Estado de Beligerância (22/08/1942) em todo território nacional e depois, da Declaração de Guerra ao Eixo (31/08/1942). *Quando, a 22 de agosto de 1942, fomos feridos, em cheio, nas águas de Sergipe, pelo monstro nazi-fascista, o Brasil deu, declarando a guerra aos nossos inimigos, a única resposta que não só a dignidade nacional, mas o próprio bom senso aconselhava.* ( *Correio de Aracaju*, 24 de janeiro de 1944)

O Brasil precisava honrar seu mar de sangue, sendo o único país latino-americano que lutou em solo europeu no tempo da guerra. As Forças Armadas levaram 25.334 homens e mulheres à guerra, os chamados pracinhas, que lutaram no norte da Itália. Em 1944, na Estação Ferroviária de Aracaju, a despedida dos pracinhas sergipanos para Salvador/BA *foi um momento bastante emocionante e profundamente triste, diante de lágrimas de amigos e parentes, até o apito do trem soou melancolicamente.*<sup>14</sup>

No dia 4 de maio de 1944, em Salvador, o contingente baiano e sergipano, integrada por quinhentos soldados do corpo expedicionário, despediu-se da população. O desfile foi iniciado às 16 horas. As ruas centrais da cidade estavam repletas de famílias de todas as camadas sociais. A formação do contingente expedicionário da VI Região Militar foi uma contribuição da Bahia e de Sergipe em energias humanas para a luta travada pelas

---

<sup>13</sup> Entrevista de Idalina Lima de Sousa realizada em Porto Alegre-RS, 15 de julho de 1999.

<sup>14</sup> Entrevista de Edmundo Cruz realizada em Aracaju-SE, 06 de maio de 1998.

Nações Unidas contra o inimigo comum, o nazifascismo. Com muita emoção, a população de Salvador assistiu ao desfile dos seus pracinhas. (FALCÃO, 1999: 231)

É importante assinalar que “o torpedeamento em Sergipe” não foi um momento crítico apenas para os aracajuanos, mas para todo o país. Conforme a manchete de *O Globo*: “O Brasil é um só” (22 de agosto de 1942). Talvez, as melhores palavras para descreverem essa fase da História do Brasil sejam as de Zé Peixe: “*eu lembro quando foi declarada a guerra. A guerra do Brasil começou por Sergipe*”.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- A Segunda Guerra Mundial. *Enciclopédia*. Rio de Janeiro: Codex, 1966.
- AMADO, Janaína. O Grande Mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral. *História*. São Paulo, Nº 14, 1995.
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: T. A. Queiroz/EDUSP, 1987.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. O nazismo e a produção da guerra. *Revista USP. Dossiê 50 anos de final de Segunda Guerra*. São Paulo: USP, 1989.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. 245p.
- CHARTIER, Roger. Do Livro à Leitura. In: CHARTIER, Roger (org.). *Práticas da Leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, São Paulo, v.5, n. 11, jan./abr.1991.
- CRUZ, Luiz Antônio Pinto. *Aracaju: memórias de uma cidade sitiada*. São Cristóvão: UFS, 1999. (Monografia).
- CYTRYNOWICZ, Roney. *Guerra sem guerra – a mobilização e o cotidiano de São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Geração/Edusp, 2000.
- DANTAS, José Ibarê Costa. *Os partidos políticos em Sergipe (1889-1964)*. Rio de Janeiro: Tempo Brasiliense, 1989.
- DEBERT, Guita G. Problemas relativos à utilização da História de Vida e História Oral. In: CARDOSO, Ruth (org.) *A aventura antropológica (teoria e pesquisa)*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- DELUMEAU, Jean. *História do medo no ocidente: 1300-1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- DUBY, Georges. *Atlas historique*. Paris: Larousse, 1987. p. 94-95.

- FALCÃO, João. *O Brasil e a Segunda Guerra Mundial: testemunho e depoimento de um soldado convocado*. Brasília: Editora da UnB, 1999.
- FIGUEIREDO, Ariosvaldo. Os interventores da ditadura de Getúlio Vargas de 29/10/1945. In: *História Política de Sergipe*. Aracaju: Sociedade Editorial de Sergipe, 1989. Vol. II.
- GARRIDO, Joan Del Alcazar I. As fontes orais na pesquisa histórica: uma contribuição ao debate. *Revista Brasileira de História* 25/26, Dossiê e ensino de história – órgão da Associação Nacional do Ensino de história, São Paulo: p. 33-54 v13 set 1992/ago 1993.
- HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.
- HOBBSBAWN, Eric J. *A Era dos Extremos: o breve século XX – 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 5ª ed. Campinas/SP: Editora da Unicamp. 2003.
- LE GOFF, Jacques “Memória” in *Enciclopédia Einaudi, Memória - História* (trad.) Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984, vol.1.
- MONTEIRO, Exupero. ABC Poético. In: *Revista de Aracaju*. Aracaju: Prefeitura Municipal de Aracaju. Ano III. Nº 2. 1949.
- MOURA, Gerson. *Sucessos e Ilusões: Relações Internacionais do Brasil durante a Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1991.
- NASSER, David. Vigilância sem trégua. *O Globo*, Rio de Janeiro. 1942. Sábado, 22 de agosto de 1942.
- PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum. In: FERREIRA, Marieta Moraes; AMADO, Janaina (orgs.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.
- PRESTON, Antony. *Submarinos*. Rio de Janeiro: Ao livro técnico. 1983.
- SÁ, Xico. Arquivo exhibe guerra ignorada (Segunda Guerra Mundial). *Folha de São Paulo*. São Paulo-SP, 28 de junho de 1998.
- SANTOS, Maria Nely. *A participação de Sergipe na Segunda Guerra Mundial*. São Cristóvão: Edufs, s.d.
- SEITENFUS, Ricardo Antônio Silva. *O Brasil vai à guerra: o processo do envolvimento brasileiro na Segunda Guerra Mundial*. Barueri: Manole, 2003.
- THOMPSON, Paul. *A voz do passado: História Oral*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra. 2002.